

POÉTICA DA CENA E TÉCNICAS CORPORAIS: A TRANSFIGURAÇÃO DO CORPO EM SÍMBOLO

Larissa Latif Plácido Saré

Universidade da Amazônia – UNAMA

Transfiguração, cena, técnicas corporais.

O tema que desejo compartilhar com vocês é a transfiguração do corpo¹ tornado símbolo na cena.

As formas por meio das quais a humanidade dá sentido ao seu mundo podem ser classificadas em grupos por semelhança e chamadas matrizes estéticas. O arquétipo é anterior a toda forma cultural, não obstante, o símbolo revela o arquétipo pelos usos do corpo no ritual, na cena, na narrativa mítica.

Falar de arquétipos não implica em considerar algo fora do humano, ao contrário, eles somente podem existir porque os homens são capazes de criar e compartilhar grandes imagens e sentidos primordiais revelados pela atividade simbólica, esta, vivida na matéria de nossos corpos e pensamentos.

Essa associação entre o arquetipal e o simbólico acontece no corpo de todos os que se envolvem no espetáculo vivo. Se os arquétipos são invariáveis em seus significados, o mesmo não acontece com as formas simbólicas que o revelam. Os mitos se fundem e se desdobram, os rituais agregam e perdem elementos. A cena viva se transforma. E o corpo tem aí um importante papel.

Como um símbolo revela uma grande imagem no corpo de um performer, de um ator, de um xamã, de um promesseiro? Como quem olha ou ouve pode ser transportado para esse lugar em que o arquétipo pode ser intuído, sorvido, compartilhado? É preciso que o corpo seja transformado, que esteja em situação de espetacularidade, que os usos cotidianos sejam substituídos pelos usos extracotidianos.

Essa transformação acontece coletivamente. O corpo espetacular capaz de atuar simbolicamente é sempre coletivo, somente por isso ele pode ser uma porta para o sagrado². É também sempre transfigurado, e isso tem valor de um sacrifício, permite o reencantamento, a reinstauração do sagrado, do sentido compartilhado do mundo. O corpo, mais do que na forma do símbolo, converte-se no próprio símbolo. O corpo transfigurado é o canal entre o homem e as grandes imagens arquetipais, instâncias profundas não acessíveis no cotidiano em que a separação entre indivíduos e os processos de racionalização predominam.

Mas o que é um corpo transfigurado? No aspecto simbólico, já sabemos, é um corpo que se tornou um arquétipo revelado. Para entrarmos no aspecto formal, recorrerei à descrição

¹ O corpo deve ser entendido aqui como uma complexa unidade psicofísica, que compreende a estrutura anatômica animada por sensações, emoções, sentimentos, percepções e racionalizações.

² O sagrado é entendido aqui no sentido dado à palavra por Eliade, Caillois, Bataille. O de algo que se opõe ao ordinário, que confere sentido ao mundo e à vida humana em qualquer cultura ou civilização e em qualquer forma de ritual. Acredito que o mesmo sentido de sacralidade pode ser aplicado a processos poéticos de criação em qualquer linguagem.

das técnicas corporais utilizadas na Corda dos Promesseiros do Círio e Nazaré³. Tais técnicas podem ser encontradas em muitos outros espetáculos, porém, minha intenção não é criar aqui uma normatização das análises, mas, tão somente mostrar como a observação das técnicas corporais pode ajudar a compreender como o corpo é investido de função simbólica e quais grandes imagens faz emergir num dado espetáculo.

Esse desdobramento para análise do processo de transfiguração pode contribuir para os estudos de espetáculos numa perspectiva etnocenológica. A transfiguração tomada como um princípio da poética cênica constitui-se em elemento constante, mas os meios para atingi-la podem variar de um espetáculo a outro.

O corpo do Promesseiro da Corda é um corpo redimensionado, ressignificado e recriado. Esses são processos pelos quais o corpo cênico passa para transfigurar-se, para tornar-se sagrado.

O redimensionamento pode ser compreendido em termos de compressão e dilatação do corpo, forças diferentes atuando sobre os membros, por exemplo, ou forças opostas agindo sobre o centro e as extremidades. Implica uma alteração do equilíbrio e dos apoios do corpo cujo grau de sutileza pode variar de acordo com a cena. Na Corda dos Promesseiros o centro do corpo e o pescoço se contraem, tendem a ocupar o menor espaço possível, enquanto braços e pernas se dilatam, esticam-se.

A recriação é onde o caráter coletivo e de comunhão dos performers entre si e com os espectadores ficam mais evidentes. O corpo redimensionado na cena torna-se um corpo extraordinário, um corpo cênico, um corpo ritual. Com maior ou menor evidência do ponto de vista plástico, ele será sempre um corpo coletivo. Recriado, pois, na medida e que os corpos individuais se integram e se transformam num outro, um corpo com outra forma e outra dinâmica de funcionamento que obedece a outras necessidades e desejos. Na Corda dos Promesseiros, a técnica do encaixe de quadris para cadenciar os passos é a que expressa a passagem do corpo individual ao coletivo.

Esse corpo, alterado em suas dimensões e recriado como um corpo coletivo se torna símbolo. O corpo do promesseiro torna-se o ex-voto a ser ofertado a Nossa Senhora. Ele faz emergir a instância sagrada na imagem arquetipal compartilhada, no desejo de estar juntos satisfeito. A isso tenho chamado ressignificação, por oposição ao corpo dessacralizado do cotidiano.

As três instâncias aqui enunciadas podem ser encontradas em diferentes poéticas cênicas, porque refletem alguns princípios gerais de técnicas para expor o corpo a situações extracotidianas.

³ A Corda dos Promesseiros é composta por aproximadamente 18.000 homens e mulheres que conduzem uma corda de aproximadamente 400 metros na Procissão do Círio de Nazaré, que reúne cerca de 1 milhão de devotos todos os anos, em outubro, em Belém do Pará.

No entanto, elas podem variar em importância para a análise de espetáculos diferentes, ou pode ser necessário complementá-las ou mesmo modificá-las. A tentativa aqui é a de propor uma primeira generalização a partir da análise de uma performance em particular, com o objetivo de iniciar uma discussão sobre o tema. As categorias da classificação derivam diretamente da técnica corporal observada e não pretendem de modo algum recobrir toda a gama de variedades possíveis em diferentes formas espetaculares.

Acredito, porém, que, justamente, observar e vivenciar as técnicas corporais empregadas na criação cênica pode ser um método profícuo para a compreensão de como o corpo se reveste de caráter simbólico e a que imagens ou grupos de imagens arquetipais ele se relaciona num dado espetáculo.

Parte importante da análise das técnicas do corpo é a forma de ocupação e transformação do espaço cênico. Na Corda dos Promesseiros, a observação das etapas da transfiguração associada ao percurso da procissão e das particularidades da caminhada dos Promesseiros em relação aos demais participantes permitiu que três grandes imagens arquetipais fossem percebidas na forma de organização do ritual.

Não me deterei demasiadamente na complexidade e bipolaridade que envolvem a representação de Nossa Senhora, que passa (por sua condição de mãe do filho divino) da representação *in absentia* do Deus masculino, viril, associado ao esquema diurno, à imagem materna, associada ao aquático, noturno, feminino, acrescido (pela natureza serpentina da Corda dos Promesseiros, à qual a imagem da santa é atada) do poder construtor de Melusina, a fada metade mulher, metade cobra da mitologia arcaica européia.

A dinâmica de transfiguração da Corda dos Promesseiros inclui um conjunto de movimentos que revelam dois outros grandes arquétipos presentes no ritual. O primeiro deles, Mani, ou a criança sacrificada, cujo mito explica o aparecimento da mandioca, base da comida ritual do Círio de Nazaré, que em seu preparo, passa por processos de compressão, umidificação e transformação para os quais a Corda dos Promesseiros constitui-se em clara analogia.

Finalmente, a Boiúna, a cobra preta, representação no imaginário da sucuri, serpente comum na Amazônia. A Boiúna, segundo o mito, vive estendida sob a cidade de Belém, presa nos canais subterrâneos da cidade tomada à força das águas. Sua cauda está sob igreja da Sé, enquanto que, a cabeça, repousa sob os pés de Nossa Senhora, embaixo da Basílica de Nazaré. As duas igrejas assinalam os exatos pontos onde se inicia e se encerra a procissão. A serpente é uma das mais poderosas imagens arquetipais relacionadas ao tempo, tanto em seu aspecto fugidio, quanto à origem e domínio do tempo, vitória contra a duração, contra, portanto, os aspectos ordinários e desprovidos de sacralidade da existência.

Assim, vemos que a Corda dos Promesseiros condensa em sua performance um complexo arquetipal que pode ser reencontrado ao seguirmos o processo de transfiguração vivido pelos Promesseiros por meio das técnicas corporais utilizadas na poética da cena ritual.

Bibliografia

- BATAILLE, Georges. **L'érotisme**. Paris, Minuit, 1957. 306 p.
- BIÃO, Armindo. **Matrizes Estéticas: O Espetáculo da Baianidade**. In: Bião; Pereira, Cajaíba, Pitombo (orgs.) São Paulo Anna Blume: Salvador Gipe-Cit, 2000.
- CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Lisboa, Edições 70. 180 p.
- DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins fontes, 2002. 551 p.
- DURAND, Gilbert. **L'imagination symbolique**. Paris: Quadrige/PUF, 1998.
- ELIADE, Mircea. **O Mito do eterno retorno**. Tradução de Manoela Torres. Lisboa: Edições 70, 2000, 174 p.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano. A Essência da Religiões**. Tradução de Rogério Fernandes. Lisboa; Edição Livros do Brasil, 235 p.
- TRIGO, Isa. **Os estados corporais: instrumento e sangue do teatro com máscaras**. Comunicação Oral. V Congresso da ABRACE. 2008.
- SARÉ, Larissa Latif Plácido. **A Serpente no Asfalto: Estudo Comprensivo do Espetáculo da Corda dos Pomesseiros no Círio de Nazaré em Belém do Pará**. Tese. (Doutorado Em Artes Cênicas) – Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas. Universidade Federal da Bahia, 2005.